

Então, eu gostaria de começar pelo sr. Marcelo Helman, fazendo três perguntas básicas, que seria quanto tempo o senhor trabalhou no Flamengo?

O SR. MARCELO HELMAN - Trabalhei no Flamengo... Entrei em 2 de maio de 2013, na gestão Bandeira de Mello, e fui dispensado no dia 22 junho de 2019, sob a alegação de que, considerando eu não haver sido arrolado no inquérito policial, não seria mais de utilidade para o Flamengo. Essa foi a razão me foi passada pelo diretor que ficou incumbido de fazer o desligamento da companhia. Prévio a isso, sr. presidente, cabe também ressaltar que estive afastado do Flamengo recebendo salário dois meses na minha casa, sem comparecer, proibido de comparecer ao Flamengo em função, justamente, do conhecimento eventualmente que poderia ter ou de estratégias do Flamengo, enfim, que não me foram passadas, apenas fui posto em férias compulsórias durante 60 dias, remuneradas, e na volta só retornei um dia para assinar a minha rescisão.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Então, o senhor entrou no Flamengo em 2017, não é isso?

O SR. MARCELO HELMAN - Não, 2013.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - 2013.

O SR. MARCELO HELMAN - E sai em 2019.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Acompanhou ali toda a construção do Ninho do Urubu, né, ou, pelo menos, boa parte.

O SR. MARCELO HELMAN - Afirmativo.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Boa parte. E também acompanhou o trágico acidente...

O SR. MARCELO HELMAN - Sem dúvida, sem dúvida.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - ...do Flamengo.

E aí, o senhor disse que o senhor não foi arrolado no inquérito policial. e o Flamengo, por algum motivo de força maior, o afastou por dois meses e depois veio a demiti-lo. O senhor tem alguma suposição ou imagina o porquê dessas ações do Flamengo, tanto o afastamento do senhor como na demissão?

O SR. MARCELO HELMAN - Tenho sim, excelência. Acredito que o afastamento tenha se dado porque imediatamente após o acidente - aliás, no próprio dia do acidente - foi criado pela diretoria nova, atual gestão - porque foi quando se deu o incidente, o acidente -, um comitê de crise, gabinete de crise. E eu era a segunda pessoa desse gabinete de crise depois do sr. Belotti, que v. exa. já conhece porque já esteve aqui; e juntos manejávamos com outras 12 pessoas, esse sinistro quando estava ainda candente a questão em nível de informação, de mídia, etc.

O afastamento se deu porque houve algumas discordâncias minhas manifestas ao presidente dessa comissão, que era o sr. Belotti - eu não recordo o primeiro nome do Belotti -, e ele não acolheu essas minhas colocações, digamos, com beneplácito; e optou por considerar que afastado representava menos ingerência que presente. Então, acredito que esse afastamento se deu devido a isso; e não foi a demissão feita naquela ocasião porque ainda havia a possibilidade, quem sabe, de que a autoridade policial viesse a me citar como sendo algum responsável de alguma maneira. Considerando que a autoridade policial constatou, depois de inúmeros depoimentos, não somente o meu como o de todos os executivos para cima e para baixo, por eu não ter sido citado, acho que o Flamengo considerou que não era mais necessário ter-me; aí, porque não iria permitir que eu continuasse nas funções que tinha, e porque, digamos, quanto mais longe melhor, vamos dizer assim.

Cito ainda que isso não é uma invenção, nenhuma... O senhor me perguntou se eu tenho alguma impressão de por quê, eu corrijo: não é uma impressão, é uma certeza absoluta, por quê? Porque isto foi dito na reunião que eu tive com o diretor de meios atual, que não está aqui presente e não esteve em momento algum ainda, que disse transmitir-me essa instrução oriunda do presidente e do CEO da companhia, José Rodolfo Landim como presidente e o Belotti como diretor-geral, CEO, executivo principal. Então, ele me transmitiu as razões, porque obviamente que eu demandei saber por que motivo estaria sendo eu afastado depois de seis anos e meio de exitosa gestão à frente de projetos em nível mundial como o Campeonato Mundial de Futebol, a Copa do Mundo, depois os Jogos Olímpicos. São coisas que eu manejei pessoalmente, não sozinho, obviamente, mas, sim, como responsável absoluto, principal.

Então, quando se tem um *curriculum* ou uma passagem que a gente considera ser exitosa e houve; ser exitosa e manifestamente recebe prêmios por isso, muito surpreende que, de um momento a outro, aconteça esse corte. Em não havendo um acidente, poderia ser que houve uma simples mudança de cadeira, uma simples mudança por eleição, que é um direito que as empresas têm, de acolher e desacolher. Mas o problema todo reside justamente que isso foi expresso no momento da demissão, da sala aonde eu estava sendo, assinando os documentos, eu digo: olha, como você não está... Nós tivemos você em cada dois meses diante da possibilidade de você estar nesse inquérito e consequentemente necessário que você ficasse conosco, né, manejar as coisas como deveria ser ou como eles julgavam que deveria ser. Na medida em que não, fui isento de nomeação específica pela autoridade policial, careceu de interesse ao Flamengo que eu permanecesse nele e, por isso, depois de dois meses de afastamento sem sequer, digamos, ter a oportunidade de rever aqueles que outrora trabalhavam como meus funcionários, sem despedidas, excelência, eu, dia 22 de junho recebi, enfim, os proventos, inerentes à demissão e, aí, terminou minha carreira no Flamengo.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Então, o senhor está dizendo que o Flamengo tinha as razões, e, aí, depois, se o senhor puder até esclarecer quais são essas razões de forma mais acintosa, o dispensou; e só não dispensaria se o senhor tivesse sido convocado no inquérito policial.

O SR. MARCELO HELMAN - Claro, se eu fosse um possível réu...

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Então, na verdade...

O SR. MARCELO HELMAN - ...em um eventual processo judicial.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Então, o senhor acredita que o Flamengo, todos aqueles indiciados que eram funcionários do Flamengo, o Flamengo gostaria de estar por perto, estar com eles para poder, talvez, facilitar a defesa...

O SR. MARCELO HELMAN - Possivelmente, possivelmente sim. Possivelmente sim, excelência.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Então, como o senhor não estava naquele momento como possível indiciado, o senhor não precisaria estar ali participando de uma defesa conjunta ou de uma estratégia do Flamengo de não ter depoimentos distintos e tudo mais, acabou sendo dispensado.

O SR. MARCELO HELMAN - Provavelmente, isso seja, acho que o senhor está na mesma linha que eu de raciocínio. Eu acredito que sim, que esse seja o *leitmotiv*, o motivo principal seja esse. Uma vez que não está envolvido, mencionado ou caracterizado, o ideal é não tê-lo nas nossas hostes porque não sabemos o que ele poderá falar, o que ele poderá dizer, o que ele poderá saber. Afinal de contas, sete anos numa empresa é bastante tempo para se saber de muita coisa. Não estou dizendo que seja coisas de denegrir o Flamengo, em absoluto. Podem ser até coisas maravilhosas do Flamengo. Mas a gente detém, com o passar do tempo, informação. Isso é inerente a qualquer atividade profissional num cargo executivo.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Nas últimas, nas duas anteriores, a gente ouviu a gestão Bandeira de Mello, ouvimos a gestão Rodolfo Landim; e uma coisa que nos chama atenção é que dentro da interpretação de cada um, ninguém tem culpa. Ou seja, seja de forma, tendo dolo ou não, mas ninguém tem culpa. Todo mundo sempre tem um para dizer que era o responsável pela contratação de contêineres, pelo fato dos contêineres estarem de forma irregular, pela interdição do Ninho do Urubu feito pela prefeitura, no qual ele funcionava normalmente como se nada estivesse acontecendo.

Então, a gente percebe que todos são unânimes em dizer o seguinte: "Olha, a culpa não é minha, a culpa é do outro."

Então, eu queria que o senhor explicasse como é que era esse organograma, essa estrutura do Flamengo, quando o senhor esteve lá presente, desde o início Bandeira até a sua saída.

Quem era responsável pelo o quê?

O SR. MARCELO HELMAN - Aham.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - E o que o senhor acha que foi o causador dessa terrível tragédia?

O SR. MARCELO HELMAN - Tentando lembrar a pergunta desde o início, o senhor disse para falar em um organograma. Então, vamos citar.

Quando eu entrei, o presidente era Eduardo Bandeira de Mello; o vice-presidente era o Maurício Gomes de Mattos; havia um CEO na época, mas esse CEO esteve um mês só durante a minha gestão, logo foi substituído por outro, ele saiu da empresa, assumiu um outro CEO, que também é de seu conhecimento, já esteve presente, que é o Frederico Derzie Luz. E algumas diretorias saíram dessa árvore, porém eram todas diretorias estatutárias. A minha diretoria não era estatutária. Eu fui alçado à posição de diretor - digamos - sem ser eleito pela sociedade, pela sociedade detentora do Flamengo. E se eventualmente... Quero crer que tenha sido, até por um dever de modéstia da minha parte, que tenha sido por mérito. Mas, enfim.

Então, eu, por não ter o regulamento por trás, não ser um diretor corporativo, me reportava a um outro diretor com, embora com a mesma qualificação em termos de nomenclatura, mas de comando, digamos. Não de efetivo trabalho e funções efetivas. Pois não.

O SR. JORGE FELIPPE NETO - Quem era o diretor?

O SR. MARCELO HELMAN - Eu vou citar. Vou citar a seguir. Esse diretor foi criado... Na verdade, essa figura não existia quando eu entrei no Flamengo. Existia o CEO e depois diretores. Tanto que eu não era diretor nessa ocasião. Eu era gerente de uma parte do Flamengo chamada Flia Gávea. Para os torcedores, aqueles que conhecem e os que não, é toda parte de diversão, de entretenimento, as piscinas, parque aquático. Enfim, sequer... Nem mesmo a atividade olímpica, porque para isso existe uma diretoria dos esportes olímpicos.

Mas, em seguida e depois, em 2014, foi criada, por alegado excesso de trabalho do CEO, uma diretoria chamada "diretoria de meios corporativos". Essa diretoria foi cair, como já se supunha que deveria ser e que seria, com o Paulo Dutra - hoje ausente, seria meu colega de cadeira -, que abrangia essa diretoria... Abrangia tecnologia da informação - TI, administração - a minha -, patrimônio, ou seja, toda a parte tanto na sede da Lagoa quanto no Ninho do Urubu, quanto Hotel Hilton Santos, hoje inexistente, foi vendido. E qualquer ouro patrimônio efetivamente físico e estrutural que o Flamengo tivesse. Também a diretoria de marketing. Não ocasião, era dele também. Quero me lembrar de algo... E a financeira, principalmente. Porque ele era oriundo de finanças. Quando eu entrei, ele era o diretor financeiro exclusivamente. Passou a ser corporativo poucos meses depois. Não tinha passado um ano da minha entrada quando foi criada essa diretoria corporativa de meios.

E essa era a abrangência que entendo que v. exa. me pediu que lhe referendasse ou que lhe referisse. Não sei se lhe faltou responder alguma coisa.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Não, ok. Eu entendi o que cada um teoricamente fazia. Entendi que a diretoria de meios era uma diretoria até bem ampla.

O SR. MARCELO HELMAN - Muito, muito. Excessivamente eu diria até. Havia excesso de trabalho. Mas estavam todas... Todas tinham, exceto TI, um responsável. Daí a figura do diretor não estatutário. Foi quando eu passei a ser diretor exatamente por isso. Ou também por isso. Porque havia necessidade de ter um interlocutor entre a atividade e o gestor-geral, que seria o diretor de meios.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Essa diretoria de meios era a responsável direta pelo Ninho do Urubu, pelas contratações no Ninho do Urubu?

O SR. MARCELO HELMAN - Sim. Na verdade, por ela ser tão abrangente como era, ela era uma diretoria responsável por recursos; e qualquer coisa que deva ser feita sempre é necessário ter recurso.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Mas quem solicitava recursos para determinada atividade não era essa diretoria, era outra diretoria?

O SR. MARCELO HELMAN - Não, não. Os integrantes do Ninho do Urubu, como o senhor chama, a cada necessidade nova, veiculava-se a esse diretor corporativo. Paulo Dutra, vamos falar pelo nome, porque senão fica um pouco longo e pomposo. Pedia-se ao Paulo Dutra recurso para fazer e era negado ou concedido de acordo com, acredito eu, a situação financeira do clube, a situação de caixa. Vontade ou não, concordância ou não em se fazer determina coisa.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Mas, vamos lá. Existia uma determinada necessidade no Ninho do Urubu e essa diretoria de meios era a diretoria que provia os recursos, não é? Onde entra a figura do Wrobel nessa questão do CT? E onde anda a figura dos CEOs nessa mesma questão do CT? Nessas necessidades. Porque, só para poder talvez ser mais claro, a gente está tentando entender quem eram os responsáveis pela demanda, quem avaliava essas demandas, quem aprovava as demandas e quem pagava as demandas. É basicamente isso.

O SR. MARCELO HELMAN - Perfeito. Ótima pergunta. A demanda é oriunda, por exemplo, do futebol. Correto? O futebol que é a razão de ser do Flamengo, praticamente. Então, precisava-se de algo, ela era canalizada a quem estivesse nesse momento como responsável do Centro de Treinamento do Ninho do Urubu. Era veiculada, então, ao diretor de meios, ao Paulo Dutra. Teoricamente - e friso -, o Paulo Dutra discutia esse assunto com o CEO; porque hierarquicamente era seu superior. E ambos, ou não, decidiam em conjunto, ou não, a liberação, ou não, dos recursos que haviam sido pedidos. Por exemplo, contratação de uma nova grama para um campo de nº 4, porque ela estava deteriorada, etc. Isso era veiculado como? O futebol pedia eventualmente a mim, se eu estivesse presente fisicamente, ou ao gerente, que é o Luiz Humberto, que aqui se encontra, que era meu imediato, digamos assim. Nós veiculávamos isso sempre - sempre - por escrito. Essa é uma norma que - eu diria - pela qual eu fui muito criticado de início e no final; e até se prova haver sido importante. Tudo que eu determino é feito por escrito. Nada é feito de forma verbal. Independentemente do que eu possa falar com ele por telefone, é seguido de um e-mail. Isso tudo o Flamengo tem, queira Deus que tenha, nos seus arquivos. Tudo. E serão acostados aos autos no momento em que assim for necessário.

Então, se canalizava essa solicitação. "Temos que comprar um campo novo de futebol." Então, temos que fazer contato com a empresa, já contratada, um contrato de longo prazo, para que venha fazer. A empresa fazia a cotação. Feita a cotação, apresentava a cotação a nós, solicitantes. Nós a veiculávamos ao diretor de meios, que nesse caso é patrimônio, porque um campo de futebol é um patrimônio, correto?

Então, nesse momento... Não era TI. Eventualmente não era RH. Nesse momento eu era um financeiro/patrimônio. Então, solicitava-se a ele que autorizasse ou não. Quando se achava que havia sendo bem conduzida a negociação, anuia ou não. Protelava se achasse que isso era passível de ser protelado. Havia uma reunião com os fornecedores, com o futebol, na qual eu estava presente, mas ele estava presente conduzindo a reunião. E dizendo se "estou de acordo", "não, não temos dinheiro agora", "vamos esperar receber", "vamos esperar ganhar a Copa do Mundo", etc. e tal. Para ter dinheiro para poder fazer.

Não sei se ficou algo por responder a sua... Ah, sim. A participação do CEO. É como eu disse, excelência, o CEO é uma figura normalmente atuante em todos os campos, teoricamente é uma pessoa que entende de tudo. Mas o envolvimento dela com cada coisa é imensurável. Por que imensurável? Não porque não se possa medir, sendo que eu não posso medir. Porque o meu acesso a eles está restrito por uma questão de hierarquia. Importante citar que eu tenho formação militar. Digo isso só para poder entender a hierarquia como um pouco mais arraigada em mim que em outras pessoas.

Feito isso, decidia-se o que fazer. É mister também citar que, quando eu entrei no Flamengo e tive então um vice-presidente da administração, que está aqui presente, que é o dr. Rafael Strauch, nós, quando tínhamos o Ninho do Urubu, não tínhamos ainda nenhum projeto de construção. Eram umas pedras, era aquilo que havia ficado de gestões anteriores. Não havia alojamento, não havia nada. O sr. Ra-

fael Strauch, por exemplo, provavelmente e chegado o momento, irá dizer que desconhece muitas dessas coisas que eu estou dizendo. E é fato, é fato. Não havia envolvimento dele nisso, porque não havia nada ainda que demandasse nada, porque nós estamos falando de um terreno imenso - você pode me dizer até quanto mede, que eu acho que você sabe. 160.000m². Havia 160.000m² sem construção nenhuma, apenas campos de futebol e alguns contêineres de metal para servirem de escritório, de salas de trabalho.

Eu ia ao Ninho do Urubu duas vezes por semana, terças e quintas; e tinha uma sala num contêiner no segundo andar. E daí despachava. Não existia então módulo 1, módulo 2, tudo isso que veio a posteriori. Depois, quando o diretor de meios obteve anuência do conselho diretor - deve ser também, não conheço com profundidade - mas é possível que tenha tido que ser aprovado também pelo conselho deliberativo do clube. Decidiu-se por construir e obteve-se o recurso para construir. E aí se começou a construir o módulo 1, que hoje é o módulo, para que se possa entender melhor, a gente chama de hotel. Mas ficou "hotel", porque é um hotel. Na verdade, é um hotel. Usa-se dizer "módulo 1", "módulo 2". Na verdade, é hotel 1 e hotel 2. Começou-se a construir e aí levou-se o escrete principal, o time principal do Flamengo, os profissionais, a habitarem ali com o segundo andar, com quartos de hotel. Enfim, com tudo que é necessário para serem bem tratados como são os profissionais que nós todos sabemos.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Só para finalizar as minhas perguntas, vou passar para o deputado Jorge Felipe Neto. Ao que o senhor acha que se deve o indiciamento da Polícia Civil - a polícia judiciária -, que indícia o presidente da gestão anterior, Eduardo Bandeira de Mello; e depois tem um hiato em toda a estrutura do Flamengo, diretorias, sejam elas estatutárias ou não, gerências e tudo mais, e indícia, passa por esse hiato, e volta a indiciar os dois engenheiros, um engenheiro até júnior e o outro um pouco mais experiente, e o técnico de refrigeração ali, de ar condicionado. O que, na sua avaliação, mesmo a avaliação leiga e não jurídica, conhecendo o Flamengo, ao que o senhor acha que se devem esses indiciamentos e o porquê de não ter ninguém, no organograma, dessa estrutura aí de meios, que são diretores, gerentes.

O SR. MARCELO HELMAN - Excelência, eu desconheço o depoimento de cada um dos que foram chamados a depor, porém, eu tenho de memória, não só aqui em cópia física, que posso disponibilizar para v. exa. e para quem mais quiser uma cópia, eu tenho e ratifico - e ratifico, perdão, o inteiro teor do eu aqui disse. E a sua pergunta, para que eu possa lhe responder, em meu caso, fica prejudicada, porque eu, sim, cito as pessoas que demandavam, que autorizavam. Eu cito Paulo Dutra, eu cito o diretor de futebol. Ou seja, meu depoimento tentou ser o mais fidedigno possível. Não há ali tentativa de colocar um mecânico da refrigeração como culpado.

Que o caso é fortuito? É. Que foi uma fatalidade? Foi. Poderia ter sido previsto? Não sei. É bastante subjetivo se podia ou não podia. Porque um curto-circuito no ar condicionado - se é que efetivamente foi assim, acho que a perícia indicou que foi assim - é algo que pode acontecer. Não há - diria eu ao senhor - eu seria leviano se eu, em algum momento, dissesse: "Fulano não foi ver o que tinha que ter visto." Talvez até fosse função de indicar alguém para ir ver. Mas não me consta como sendo uma das atividades obrigatórias de ver. Agora, possivelmente - possivelmente -, por ser o futebol o principal ator de toda a questão Flamengo, de alguma maneira, se omite... "Omite" é um pouco forte. Juridicamente falando, omitir é mais grave. Digamos, procura-se não mencionar que o futebol era o maior demandante de tudo. Inclusive das unidades que foram objeto do sinistro. Isso não se colocou por acaso, não passou um louco lá e decidiu: "Vamos colocar, o que você acha?" "Vamos colocar aqui, eu acho ótimo." Não teve isso. Obedeceu-se a um plano de patrimônio rigoroso, tanto é que isso não era feito de um dia para o outro não. Era feita uma encomenda sob medida, com tal e tal separação, com tal e tal sobreto, com isso, com aquilo. E os próprios membros. Membros funcionários, engenheiros e arquitetos, funcionários desta diretoria de patrimônio, sob o coto do Paulo Dutra, mas sob a bota do Alexandre Wrobel, vice-presidente de patrimônio durante várias gestões, não foi só essa. Assim se cursava.

Então, via-se... Provavelmente - e aí vamos ao "achômetro" de novo -, eu imagino que Wrobel conversasse com Paulo Dutra e ambos decidissem "vamos fazer aqui". Pode ser que seja assim, pode ser que seja uma loucura do Dutra, uma loucura do Wrobel. Pode ser. Mas eu acredito que não. E quero crer que tudo isso era conversado, discutido, medido, sopesado, saber se isso poderia ou não implicar algum risco, para depois ser executado.

Então, a sua pergunta de me dizer, perdão, de me indagar a quem eu atribuí que possa ter sido o acidente, confesso que não encontro, não encontrei, em todo esse tempo, uma falha que possa ser considerada humana. Confesso que não. E isso eu quero que, se há algum pai presente de alguma das vítimas fatais ou não, resultante desse sinistro, não me mal interpretem. Eu não estou dizendo: "Olha, ninguém teve culpa. É assim mesmo." Absolutamente não. Eu só digo que foi, sim, uma... Afirmo categoricamente que isso foi uma má sorte. Agora, isso nos leva a dizer: e por que os colocou lá? Eu até acredito que, quando se colocaram os alojamentos na posição de ar na modelagem que foi desenhada, propositalmente, encomendada para a empresa com custos extras e tudo isso, em nenhum momento se fez pensando... Ninguém pensou: "E se colocar um ar aqui e ele pegar fogo?" Porque a gente não pode a toda hora em casa colocar o carregador do celular porque ele pode explodir. É sabido que explode. Periodicamente, há casos como esse. Então, quero dizer assim: não estou eximindo ninguém. Só estou dizendo: pode até se dar o benefício da dúvida de que ninguém tenha pensado nisso antes. Muito menos ainda, como consta de alguma perícia, saber que nas paredes dos contêineres, no seu interior, tinha polipropileno, acho que é o produto, não saberia dizer, que propaga a chama de uma maneira voraz. Realmente, surpreende-me profundamente que quem constrói não pense nisso. Quem sabe até fosse mais uma questão de quem constrói pensar: "Ué, se você vai colocar um ar aqui pode dar problema." Mas, enfim, eu só volto a repetir, é um pouco subjetivo, porque é uma opinião minha. Agora o que se...

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - É, não sei...

O SR. MARCELO HELMAN - Perdão, sr. presidente.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Pois não, pode concluir.

O SR. MARCELO HELMAN - Porque se acho que se procura, e aí quicá vamos entender o porquê eu estar afastado, talvez, não sei, pode ser que eu seja tão incompetente que o clube não me queira mais, ou não tenha me querido mais por incompetência. Quem sabe? Pode ser perfeitamente. Admito que possa ser. Mas eu acho que o meu depoimento não foi bem acolhido. Porque o meu depoimento cita, sim, os atores. Cita quem pediu o que, como eu agi em determinada solicitação que me foi feita; como eu deneguei certas coisas e como elas foram executadas de qualquer maneira. Então, pode ser que isso seja... Porque, casualmente, logo depois de chegar o termo de declaração, eu fui convidado a ficar em casa ganhando o salário. E quero reiterar que, aliás, a proposta foi muito boa. Eu descansei ganhando dinheiro. Coisa que pouca gente pode fazer hoje em dia num Brasil combatido como o nosso. Mas eu tive essa sorte. Durou pouco. Até terminar como terminou.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Quero anunciar a presença do deputado federal Wladimir Garotinho. Bem-vindo a esta Casa. Também, por favor, a Casa é sua.

Bom, da minha parte, eu acho que já não tenho mais nenhuma questão. Se o senhor puder depois só passar à secretaria desta comissão o depoimento à Polícia Civil, para nós podermos depois avaliar melhor e dar prosseguimento.

Passo a palavra para o deputado Jorge Felipe Neto.

O SR. JORGE FELIPPE NETO - Boa-tarde a todos. Dr. Helman...

O SR. MARCELO HELMAN - Pois não, deputado.

O SR. JORGE FELIPPE NETO - Eu vou pedir que o senhor seja o mais objetivo possível para que consigamos...

O SR. MARCELO HELMAN - Sim, sr. deputado.

O SR. JORGE FELIPPE NETO - ...a extração de informação útil, rápida. Porque já estamos no adiantar da hora, enfim.